

## JUVENTUDE DIGITAL E EDUCAÇÃO

Cristiane A. Fernandes da Silva<sup>1</sup>

Ana Cláudia Moreira Cardoso<sup>2</sup>

Marili Peres Junqueira<sup>3</sup>

Gustavo Gabaldo Grama de Barros Silva<sup>4</sup>

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender os usos que jovens estudantes fazem de dispositivos móveis. Para isso, recortamos três momentos distintos: os motivos de uso do celular na escola e no dia-a-dia, bem como as redes sociais mais acessadas pelos estudantes. Visando traçar o perfil da cultura digital desses jovens, recorreremos às seguintes variáveis: sexo, etnia, religião e renda, todos importantes fatores de pertencimento sociocultural e marcos de identidade. A abordagem metodológica da pesquisa dispõe de cunho quantitativo, cuja base de dados conta com 826 informantes estudantes de escolas públicas da cidade de Uberlândia, Estado de Minas Gerais. Essa pesquisa, em fase de finalização, derivou do trabalho conjunto de uma equipe formada por docentes e bolsistas estudantes da Universidade Federal de Uberlândia e contou com o apoio da Fapemig. Sua base teórica advém, essencialmente, de: Abramo, Castells, Lemos, Pais, Sousa e Leão que tratam de juventude, cibercultura e escola. A partir dos resultados do banco de dados, observamos haver diferenças significativas nos usos do celular, mostrando que estes usos não são globais, mas têm gênero, etnia, filiação religiosa, ideologia e poder econômico.

**Palavras-chave:** Dispositivos móveis, Cibercultura, Redes sociais, Estudante, Juventude.

### INTRODUÇÃO

O desenvolvimento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's), sobretudo as sem fio e com dispositivos móveis (celulares, *tablets*, *smart phone*, *laptop*), avançam mundialmente em uma intensidade jamais registrada antes (CASTELLS, 2007).

Castells apresenta dados a respeito desse crescimento vertiginoso no cenário mundial: em 1991, havia 1 celular para cada 38 telefones fixos, já em 1995, cresceu para 1:8; um aumento de quase 500%. “Em 2000, havia um celular por quase dois telefones fixos e em 2003, as assinaturas de celulares superaram, pela primeira vez, a telefonia fixa” (CASTELLS, 2007, p. 20). O Brasil ocupa o sexto lugar no mercado mundial de telefone móvel, sendo o

<sup>1</sup> Professora doutora em Sociologia da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, [crizufu@gmail.com](mailto:crizufu@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora doutora em Sociologia da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, [anacmc2@hotmail.com](mailto:anacmc2@hotmail.com);

<sup>3</sup> Professora doutora em Sociologia da Universidade Federal de Uberlândia - UFU; [marili.junqueira@gmail.com](mailto:marili.junqueira@gmail.com);

<sup>4</sup> Mestrando do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia - PPGCS/UFU, [gustavograma97@gmail.com](mailto:gustavograma97@gmail.com).

maior da América Latina (idem, p. 33). As desigualdades sociais desse país refletem na escolha do tipo de dispositivos telefônicos, sendo a tendência de maior utilização de telefones móveis nos lugares de menores recursos econômicos, dado o seu baixo custo (IBGE, 2003 *apud* CASTELLS, 2007, p. 34).

Entre os usuários da tecnologia móvel, os jovens ocupam lugar de destaque, especialmente na utilização de aparelhos celulares com a comunicação de textos. Uma das teses defendidas pela literatura, incluindo Castells, é a de que muito embora a comunicação móvel seja um forte elemento que traga em seu bojo a globalização, as formas de sua utilização são distintas conforme os espaços sociais, sofrendo variações étnicas, de gênero, de pertencimento social, etária, etc (CASTELLS, 2007, p. 17, 71 a 126).

Tomamos essa tese de Castells como problema de estudo para esta pesquisa, nesse sentido buscamos, por meio da aplicação de questionários, identificar quais variações podem ser percebidas nos jovens estudantes uberlandenses ao retermos, essencialmente, as variáveis sexo, etnia, religião e renda.

Portanto, esta pesquisa, cujos dados foram coletados localmente<sup>5</sup>, busca compreender, simultaneamente, uma juventude global, dada a sua aderência ao mundo conectado virtualmente, e também com características peculiares. O objetivo principal consiste em conhecer as especificidades dos usos digitais da nossa juventude brasileira, mineira, uberlandense, que frequenta escolas públicas do Ensino Médio. Para tanto, foi realizado trabalho de campo de cunho quantitativo, cujos detalhes são apresentados a seguir.

## METODOLOGIA

A base de dados utilizada para a presente investigação se apoia em metodologia quantitativa, desenvolvida a partir da aplicação de questionários impressos em oito Escolas Estaduais de Ensino Médio da cidade de Uberlândia. Os questionários compreendem 31 perguntas fechadas e de múltipla escolha relativas à diversas informações do perfil do estudante, tais como idade, sexo, etnia, local de moradia, renda familiar, escolaridade dos pais, religiosidade, migração, educação, saúde, TICs. Entretanto, devido ao recorte estabelecido neste *paper* para estar em sintonia com o grupo de trabalho “Tecnologias e

---

<sup>5</sup> - A presente pesquisa derivou de projeto elaborado coletivamente pelos docentes, Cláudia Wolff Swatowski, Cristiane A. Fernandes da Silva, Luciano Senna Peres Barbosa, Marili Peres Junqueira, pelos bolsistas Gustavo Gabaldo Grama de Barros e Silva, Bruno de Paula Nery, todos da Universidade Federal de Uberlândia, e pela colaboração da docente Ana Cláudia Moreira Cardoso, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Trata-se de uma pesquisa em fase de finalização e que conta com o apoio da Fapemig (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais).

Educação” deste Congresso, focamos nossas análises sobretudo na variável tecnologia da informação na escola vinculada a alguns aspectos da identidade dos jovens estudantes.

Os questionários, que totalizaram 826, foram aplicados durante o biênio 2017-2018, tanto pelos docentes-pesquisadores, quanto pelo discente bolsista do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia. Após o período de levantamento de dados, um especialista técnico em estatística, sob patrocínio da FAPEMIG, tabulou e cruzou as variáveis por meio do *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*). Trata-se de um programa especializado em armazenamento de dados quantitativos na área das Ciências Sociais e com amplas ferramentas para tratamento de dados, inclusive para cruzamentos de múltiplas variáveis; recurso empregado aqui para analisar as TIC's e a educação com vistas a traçar perfis mais precisos da amostra estudada.

Optou-se por uma metodologia de caráter, essencialmente, quantitativo para realizar teste de hipóteses com múltiplas variáveis. Conforme Ramos (2013, p. 59): “questões que envolvem relações causais, por meio das quais testamos hipóteses, pressupõem o uso dos métodos quantitativos de forma que possamos verificar se determinadas variáveis andam juntas e qual o sentido e a força da relação entre elas”.

Tendo em vista que as variáveis utilizadas no trabalho: renda familiar, etnia, religião não são empiricamente observáveis, justifica-se o uso do questionário tanto como instrumento de recepção das informações quanto de sua quantificação. As respostas dos alunos nos questionários constituem o que Abramo (1979, p. 65) chama de “indicador empírico de um conceito ou de uma variável”, cujos sentidos apresentaremos nos resultados deste texto.

## DESENVOLVIMENTO

Para tratar de jovens estudantes e mundo digital, é necessário passar antes por alguns nortes conceituais que patenteiam o nosso ponto de partida acerca das concepções que envolvem, fundamentalmente, jovem e cibercultura. Importa notar que partimos do pressuposto caro de Castells (2007) ao afirmar que as tecnologias móveis estão tão envolvidas no corpo dos jovens que se transformaram em um símbolo da própria identidade juvenil.

Portanto, a sociedade contemporânea, ou “sociedade em rede móvel” para empregar um termo daquele autor, configura-se por meio de uma nova prática social, a da conectividade constante, na qual sobressai a presença marcante dos jovens. Castells (2007 p. 16) chama a atenção para a “profunda conexão existente entre a comunicação sem fio e o aparecimento de uma cultura jovem (que denominamos cultura jovem móvel)”.

Castells assinala que um dos elementos primordiais para a profusão da comunicação móvel na década de 1990 foi o alto índice de difusão dessa tecnologia entre os jovens, cujo perfil, quando comparado com outras categorias de usuários na sociedade, combinou a sua grande abertura para os usos da tecnologia e a sua extraordinária habilidade em utilizá-la.

Entre as características elencadas por Castells (2007) acerca das motivações do uso do celular por parte dos jovens, de modo amplo, são: desejo por independência, manutenção de laços comunitários (relação entre iguais/amigos), estar conectado, usufruir do entretenimento, afirmação de identidade pessoal e estar na moda.

A importância da tecnologia móvel na constituição das culturas juvenis reitera o conceito de juventude definida enquanto “geração social”, cujas características são auferidas muito mais social do que biologicamente (FEIXA & LECCARDI, 2010), tanto o é, que não há uma precisão etária do começo e fim da juventude. Ao invés de se pautar em uma fase da vida, sociologicamente “culturas juvenis” se referem a processos de internalização de normas, ou seja, a processos de socialização (PAIS, 1990).

O peso das novas tecnologias assume envergadura significativa a ponto de separar os jovens das influências das instâncias tradicionais de socialização, como a família, a escola, os meios de comunicação radiofônica e televisiva, paralelamente, levam-lhe uma variedade de formas de socialização favorecendo situações de crises de valores (HOLMES & RUSSEL apud CASTELLS, 2007), ao mesmo tempo elaborando novas formas de sociabilidade digital.

É recorrente nas reflexões acerca da sociedade em rede o emprego do conceito “(des)territorialização”. Segundo Lemos (2005, p. 4), “criar um território é se apropriar, material e simbolicamente, das diversas dimensões da vida”. Nesse sentido, essa diáde temática remete à ideia de que: “Toda territorialização é uma significação do território (político, econômico, simbólico, subjetivo) e toda desterritorialização, re-significação, formas de combate à inscrição da vida em um ‘terroir’, linhas de fuga” (idem). O autor reitera a necessidade de ambas as instâncias para a existência da própria dinâmica social.

A cibercultura, cultura desenvolvida na sociedade em rede, assume o caráter de cultura da desterritorialização (LEMOS, 2005, p. 6) em diversos planos: físico, econômico, informacional, cultural, subjetivo. Todavia, Lemos ressalta que o ciberespaço tanto propicia a desterritorialização quanto a reterritorialização, ou seja, em meio à crise de fronteiras e valores, recria outros espaços com sentidos para as pessoas, tais como: *blog*, *site*, *chat*, comunidades virtuais etc. Estes são “formas de controle do fluxo de informações em meio ao espaço estriado que constitui o ciberespaço planetário” (LEMOS, 2006, p. 6). Compartilhar

das regras, valores e opiniões desses espaços do mundo cibernético, ou no ciberespaço, fomenta a “reconfiguração cultural” e a “sociabilidade coletiva em rede” (idem, p. 7).

A imersão, especialmente dos adolescentes, nesses espaços virtuais os levam a desenvolver o que Castells, Holmes e Russell chamam de “sensibilidade tecnossocial”, ou seja, o seu estilo de vida está tão introjetado na vida digital que já não há uma distinção precisa entre natureza e tecnologia; daí a ideia de ciborgue, um organismo cibernético, um indivíduo metade ser humano e metade robô, uma realidade, cada vez mais comum, haja vista a importância atribuída aos equipamentos eletrônicos que se tornam adereços de identidade dos indivíduos.

Para Castells (2007), a juventude se afasta das instâncias tradicionais de socialização, mas constrói outros referenciais, haja vista os valores e códigos compartilhados por meio das redes sociais propiciadas pela tecnologia móvel; portanto, surge a identidade coletiva ao lado do fortalecimento da identidade individual – aliada à noção de privacidade, intimidade e individualismo, preferências, expressões e mesmo à regras de conduta.

No que concerne à relação das TIC’s com o sistema de aprendizagem, Castells (2007) afirma estar havendo uma mudança no modelo patriarcal, no qual a verticalização do processo educativo começa a sofrer alterações na direção do fluxo de conhecimento, ou seja, agora são os jovens que mais conhecem acerca dos usos dessa tecnologia, por conseguinte, eles têm mais a ensinar do que os mais velhos. Nestes termos, os saberes assumem sentido de simetria entre as gerações e não mais de soberania dos mais velhos sobre os mais jovens.

Por fim, vale destacar que duas importantes razões para os jovens usarem o celular são: forma de acesso à redes sociais e ingresso para a vida adulta (CASTELLS, 2007); uma espécie de rito de passagem que faculta a entrada para a maioridade. Trata-se de um equipamento de identidade, que, aliás, parece imunizar os jovens de certos vícios, como o tabagismo, já que se observou, na Grã Bretanha, um declínio no uso de cigarros, ao passo que houve um acréscimo na propriedade de celulares (CASTELLS, 2007, p. 261).

Portanto, a tecnologia móvel na nova sociedade em rede não significa apenas mais uma modalidade tecnológica, ela altera completamente as estruturas e os valores sociais. Se a atual sociedade em movimento traz em seu bojo, como afirma Urry, o “paradigma das mobilidades” (apud MARANDOLA, 2009, p. 151), que interpenetra nas instituições sociais e nos modos de vida, imprime grande acento na juventude, cujo acesso aos referenciais simbólicos está em plena constituição. Conseqüentemente, a escola como um microcosmo dessa sociedade móvel é atingida pelo novo perfil digital dos estudantes, o que, certamente, suscita pesquisa acerca das características desse novo jovem aluno.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### *Perfil geral dos jovens estudantes*

A amostra desta pesquisa é composta por jovens estudantes que frequentam escolas públicas estaduais do Ensino Médio da cidade de Uberlândia. A maioria frequenta o turno matutino (67%) e os demais (33%) o noturno. Suas idades se concentram entre 15 e 18 anos, com destaque para os 17 anos, onde se encontram quase 40% deles. As mulheres se sobressaem com 52%, contra 47% de homens, já os demais se declararam com outro sexo. A maioria pertence à etnia parda (47%); seguida da caucasiana (26%) e da negra (17%); sendo os demais (10%) de outras etnias como asiática, indígena ou não souberam definir. Mais da metade desses jovens não trabalha (62%), um índice baixo por se tratar de jovens em idade escolar. A renda familiar desses jovens estudantes se concentra entre um e dois salários mínimos (32%); em segundo lugar estão aqueles que desconhecem a renda de sua família (17%); na faixa mais precária encontram-se 15% deles; seguida da faixa de dois à três salários mínimos (15%); já a faixa com maior renda, quatro ou mais salários mínimos, dispõe apenas de 10% dos estudantes, sendo a maioria estudantes da escola localizada no centro da cidade (21% contra apenas 7% na periferia). E, por último, em sexto lugar, está a faixa de três a quatro salários mínimos (7%). Este último dado somado ao fato de ser a maioria dos jovens da periferia da cidade que vivem com as menores rendas familiares (15% contra 10% na região central), revelam a má distribuição de rendas percebidas ao olharmos a cidade conforme o polêmico binômio “centro-periferia”.

### *Usos do celular na escola*

A etnia dos jovens estudantes de Uberlândia corresponde a sua autodenominação e está distribuída em: parda, caucasiana, negra, asiática, indígena e outras, todavia, focaremos apenas as três primeiras em razão de serem representativas naquela mesma ordem.

No primeiro eixo tratado aqui, o uso do celular pelos jovens na escola, cruzado com a variável etnia temos o seguinte perfil: os jovens das três principais etnias utilizam o celular na escola, sobretudo, para fins de estudo, em segundo lugar para contatos pessoais, em terceiro para ouvir música e ver TV, em quarto para trabalho e só em quinto para jogos. Um aspecto que chama a atenção é que são os negros que contam com a menor diferença entre contato para trabalho e estudo, com 1,5%, já os caucasianos têm 5,6% e os pardos 6,8 %, o que aponta os negros como a etnia mais atingida pela necessidade do trabalho, sendo o

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

dispositivo móvel, portanto, um meio de revelar essa realidade histórica brasileira. É apenas entre os caucasianos que o percentual de usos do celular para música e TV ultrapassa o uso para trabalho, assinalando usufruírem de melhores condições econômicas. Vale ressaltar que as opções compras, religião, notícias, organização política e pornografia obtiveram muito pouca adesão dos informantes nesse primeiro eixo.

Debruçando sobre as três religiões de maior adesão dos estudantes (evangélica, católica e sem religião, nessa ordem: 38%, 32% e 22%) cruzadas com os motivos de utilização do celular na escola, em primeiro lugar também está o seu uso para o estudo (8,9%), em segundo para contatos pessoais (7,3%), porém em terceiro já aparece o trabalho (4,2%), em quarto música e TV (3,7%) e só em quinto os jogos (2%). Conforme observamos, o comportamento dos estudantes separadamente em cada religião, iniciando por aquela de maior adesão, vemos serem os católicos que mantêm maior distância entre uso do celular para estudo e uso para contatos pessoais, com a diferença de 3% entre ambos; os sem religião guardam 1,2% de diferença entre uso para estudo e contatos pessoais; já o evangélicos mantêm uma ligeira distância entre esses dois usos, com apenas 0,6% de diferença. Tais dados nos levam a pressupor que os católicos são mais estudiosos do que os evangélicos e estes são mais comunicativos em seus dispositivos móveis. Nas demais variáveis, nota-se que os evangélicos são mais musicais e expectadores de TV do que os demais e que os estudantes sem religião mantêm uma relação bem próxima entre o uso do celular para música/TV e jogos. A utilização do celular para ouvir notícia teve mais adesão entre os católicos, seguidos dos sem religião e dos evangélicos. Os demais tipos de usos obtiveram adesões muito exíguas, especialmente em organização política e pornografia, embora nesta os jovens estudantes tenham indicado maior uso e com a mesma frequência entre as três religiões. Interessante notar que nenhum deles utiliza o celular para fins religiosos no ambiente escolar.

#### *Usos do celular no dia-a-dia*

No segundo eixo, uso do celular no dia-a-dia cruzado com a renda e sexo, retendo apenas as três faixas intermediárias, entre um e três salários mínimos (portanto, deixando de lado aquela de menos de um salário mínimo e aquela de quatro ou mais salários mínimos), nota-se, claramente, a preponderância do uso do celular para contatos pessoais, já as demais variáveis oscilam conforme cada faixa de renda. Todavia, é perceptível que a renda guarda uma relação inversamente proporcional com os contatos pessoais, ou seja, à medida que a renda aumenta, o uso do celular para contatos pessoais decresce drasticamente, tanto entre homens quanto entre mulheres. Ao passo que a renda sobe, os jovens usam muito mais o

(83) 3322.3222

[contato@conedu.com.br](mailto:contato@conedu.com.br)

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

celular para o estudo e, significativamente, menos para o trabalho; entretanto, este último comportamento está muito mais presente entre as mulheres do que entre os homens, reiterando as estruturas de uma sociedade ainda patriarcal.

Retendo as diferenças mais gritantes entre homens e mulheres nos usos que fazem do celular no dia-a-dia, observa-se que as mulheres o utilizam mais para música e TV do que para jogos, enquanto que os homens o fazem de modo equivalente, ou seja, fazem o mesmo uso para jogos e música/TV. O uso para pornografia também conta com a adesão das mulheres, embora com muito maior representatividade entre os homens. O uso para organização política sequer foi assinalado por alguma mulher, enquanto que os homens apenas da faixa salarial mais baixa, menos de um salário mínimo, o fizeram. Já o uso para compras conta apenas com mulheres na última faixa de renda, de quatro ou mais salários mínimos; entre os homens esse uso aparece nas duas faixas extremas, a de mais de um salário mínimo e a de quatro ou mais salários mínimos.

Nesse eixo do uso do celular no dia-a-dia, ao contrário de sua utilização na escola, em primeiro lugar não está o uso para o estudo, mas para os contatos pessoais por parte de todas as etnias, com preponderância para a parda (16,17%), caucasiana em segundo lugar (11,48%) e negra em terceiro (4,9%). O segundo tipo de uso entre caucasianos e negros é a música e a TV, todavia entre os pardos é o estudo. O terceiro lugar de uso do celular no dia-a-dia entre caucasianos e negros é o estudo, já entre os pardos inverte-se estando a música e TV (embora, a diferença percentual entre estudo e música aqui seja bem tênue). Em quarto lugar para todas as etnias aparecem os jogos. Ademais, outros tipos de usos que não apareceram antes avultam-se nesse segundo eixo, tal como o uso do celular para notícias, que se mostra com maior importância entre os pardos, seguidos dos caucasianos e em terceiro lugar pelos negros. O uso do celular para pornografia aparece na mesma ordem que as notícias entre as três etnias. Organização política só se mostra entre os pardos e os caucasianos, nessa mesma ordem. O uso do celular para religião revela-se entre os negros e os pardos. Já o uso para compras só não figura entre os negros. O uso para beleza e moda tem mais ênfase entre os pardos, seguidos dos caucasianos e, por fim, pelos negros.

Ao reter a variável religião para pensar o uso do celular no dia-a-dia pelos estudantes analisados, verifica-se, em um primeiro momento, resultados análogos ao da etnia, sendo os contatos pessoais a opção mais praticada, todavia com percentuais entre católicos e evangélicos bem próximos (14,1% e 13,1%, respectivamente) e os sem religião estão em terceiro lugar nesse uso (7,1%). No segundo tipo de utilização entre os católicos há um quase empate entre música/TV e estudo; já entre os evangélicos a música e a TV está mais,

(83) 3322.3222

[contato@conedu.com.br](mailto:contato@conedu.com.br)

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

claramente, em segundo lugar, embora guardando uma diferença de pouco menos de 1% em relação ao terceiro lugar, o estudo; os jovens sem religião, por sua vez, fazem uso mais definido da música/TV em segundo lugar e do estudo em terceiro. O quarto tipo de uso do celular nessa distribuição por religião conta com os jogos tanto para os católicos quanto para os alunos sem religião, no entanto, diferindo, significativamente, dos evangélicos que têm o trabalho e os jogos em quase empate, com ligeira vantagem para o trabalho (0,8%), reiterando a forte característica do protestantismo de desprezo pelas ações profanas e de supervalorização pela ideologia do trabalho. Em quinto lugar está o uso para notícias tanto para os católicos quanto para os sem religião; porém, entre os evangélicos estão os jogos, ocupando as notícias o sexto lugar. Em sexto lugar, aparece o trabalho para os católicos e os sem religião, todavia com maior ênfase entre os católicos, especialmente quando se compara essa diferença em relação ao estudo; realidade não vista entre os evangélicos que não apenas colocam o trabalho já em quarto lugar, mas o mantêm com percentual pouco abaixo do estudo, situação bem distinta entre os jovens católicos e sem religião já que valorizam muito mais o estudo do que o trabalho. Entre os demais usos surgiu: a saúde com empate entre as três filiações religiosas; compras revelou-se com mais importância entre os católicos; a organização política com mais ênfase entre os sem religião e, muito residualmente, entre os evangélicos. No uso do celular para beleza e moda, temos os católicos em primeiro lugar, seguidos dos evangélicos e, por fim, pelos sem religião. No uso para pornografia, aparecem em primeiro lugar os católicos e os sem religião com frequências bem similares, já os evangélicos fazem metade do uso dessa opção quando comparados aos demais.

#### *Redes sociais mais usadas*

De acordo com Sousa e Leão (2016, p. 290), “as redes sociais se apresentam como a ambiência mais expressiva e mais abrangente das relações mediatizadas dos jovens-alunos pesquisados” por eles tanto em escolas particulares quanto públicas. Inclusive os autores afirmam que durante o recreio das escolas o seu ambiente “se transformava em uma *feira tecnológica* nas duas escolas: aparelhos de todos os tipos, modelos, tamanhos e marcas” (idem, p. 289), diferindo apenas na qualidade dos aparelhos, cujos modelos mais caros, como os *iphones*, estavam presentes nas escolas particulares. Outra diferença importante notada pelos autores é que nas escolas particulares havia relação *on-line* mais assídua entre discentes e destes com os docentes, inclusive com utilização mais intensa da rede virtual para a aprendizagem escolar.

Entre as várias redes sociais, a de adesão majoritária entre os estudantes aqui pesquisados é o *WhatsApp*, já o *Facebook* e o *Instagram*, praticamente, empatam em segundo lugar. *YouTube* e *Pinterest* têm baixíssima adesão dos jovens estudantes. Outras opções como *Snapchat*, *Skype*, *Messenger* e *Google +* tiveram adesões irrisórias, notadamente o *Skype*. Retendo o recorte por sexo, nota-se que as mulheres, além de serem majoritárias no uso do *WhatsApp*, têm maior predileção pelo *Instagram* do que pelo *Facebook*, já o inverso ocorre com os homens, estes são mais usuários do *Facebook* do que do *Instagram*; a partir desses dados pode-se inferir que as mulheres, por serem mais apegadas à estética e beleza, tendem a valorizar o *Instagram* no qual as imagens, incluindo as *selfs*, ocupam papel preponderante. Os homens fazem um uso bem maior do *YouTube* do que as mulheres, e maior ainda do *Twitter*. Portanto, isso nos leva a perceber que as redes sociais dispõem de gênero, certamente essa ideia poderia ser muito mais enriquecida se saíssemos do estreito circuito da divisão binária feminino e masculino.

Cruzando o uso das redes sociais com etnia, percebe-se claramente, inclusive seguindo a própria distribuição étnica da amostra (na qual pardos são maioria, caucasianos ocupando a faixa intermediária e negros a terceira), que nos quatro tipos de redes sociais de maior frequência, a saber, *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram* e *YouTube*, os pardos ocupam de longe a primeira posição (44%), seguidos dos caucasianos (30%) e, por fim, dos negros (16%). O *WhatsApp* é de uso tão popular que até mesmo a etnia indígena, cuja representação é baixa (3%) entre os estudantes na cidade, aparece com certa importância (2,23%). A rede social na qual as etnias guardam as maiores distâncias percentuais entre si incide, justamente, no *WhatsApp*, já aquela na qual há as menores diferenças percentuais é o *YouTube*, ou seja, enquanto o *WhatsApp* se revela com recorte étnico, o *YouTube* é destituído desse caráter.

Nos usos das redes sociais cruzadas por religião, permanece o *WhatsApp* em primeiro lugar, todavia com alguns resultados novos: embora os católicos estejam a frente dos evangélicos no uso do *WhatsApp* e do *YouTube*, a diferença entre ambos é bem estreita (2% no primeiro e 1,2% no segundo). No *Facebook* e no *Instagram*, os evangélicos superam os católicos, embora com uma margem bem apertada, com menos de 1%. O que chama muito a atenção é o fato de os estudantes sem religião, a despeito de serem minoria inclusive na amostra em si (21%), quando comparados às duas maiores filiações religiosas (71%), superam, ligeiramente, os evangélicos no uso do *YouTube* e ultrapassam, largamente, (em dois terços a mais) tanto evangélicos quanto católicos no uso do *Twitter*; o que assinala haver algum traço de identidade construída, especialmente, nessa última rede social, não susceptível, a princípio, de uso massificado.

Avançando para a variável renda, nota-se a mesma constante de maior adesão ao *WhatsApp*, seguido do *Facebook* e *Instagram* em empate, na sequência o *YouTube*, depois *Twitter* e, por fim, o *Pinterest*. Em praticamente todas as redes sociais, observa-se a prevalência dos estudantes que recebem entre um e dois salários mínimos de renda familiar, novamente uma projeção da própria distribuição de rendas de modo geral dessa amostra. A proporção de uso de todas as redes sociais, salvo o *Twitter*, segue na mesma esteira, com os alunos de renda familiar entre um e dois salários mínimos em primeiro lugar, seguidos de entre dois e três salários mínimos e abaixo de um salário mínimo em relativo empate, quatro salários mínimos ou mais em terceiro lugar e entre três e quatro salários em último lugar. No entanto, avulta-se novamente uma diferença instigante no uso do *Twitter*: é apenas neste que os estudantes detentores da maior faixa de renda familiar, de quatro ou mais salários mínimos, ultrapassam todas as demais faixas de renda; o que sinaliza que essa rede social requer um perfil específico de usuário, sugerindo haver maior predileção por aqueles com maiores recursos econômicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito de mapear o perfil dos jovens estudantes uberlandenses no contexto da era digital decorre da importância de as escolas, nas figuras dos docentes e gestores educacionais, poderem contar com as características locais e atuais dos usos que os seus discentes fazem das tecnologias da informação; o que, certamente, contribuirá em suas reflexões e procedimentos educacionais.

Os jovens-alunos da sociedade contemporânea são “sujeitos mediatizados, transitando nas mídias/redes sociais e no espaço escolar em habitual interatividade com seus pares, com a escola e seus atores” (SOUSA; LEÃO, 2016, p. 299). Há, conforme estes autores, um processo mútuo de influência na relação ser jovem e ser aluno nos ambientes virtuais, todavia embora não haja cisões significativas entre esses dois sujeitos, eles são afetados por tensões constantes. Consideramos que tais tensões, certamente, poderiam ser amenizadas se as escolas pudessem conhecer melhor o perfil dos usos do mundo digital feitos por seus alunos para poder reformular suas técnicas, metodologias e abordagens no processo ensino-aprendizagem, sobremaneira introjetando-lhes dinâmicas constitutivas dessa geração digital.

Compartilhamos da postura de Baccega (2002), ao defender que o desafio da escola não reside tão somente em saber usar as mídias como ferramentas para o ensino-aprendizagem, mas, notadamente, em conhecer e compreender os diferentes modos de ser dos

seus alunos na sociedade digital. “A escola precisa aprender a trabalhar as novas sensibilidades dos alunos; trata-se de outra maneira de ser e de ler, de sentir e apropriar-se do mundo” (BACCEGA, 2002, p. 6, *apud* SOUSA e LEÃO, 2016). Diante desse novo aluno, cuja geração é classificada de nativa digital, a escola não pode se furtar, cabe-lhe conhecê-lo para com ele trabalhar também de modo interativo, tal qual se configura o seu atual novo jeito de ser.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, P. Pesquisa em ciências sociais. In: HIRANO, S. (Org.). **Pesquisa social: Projeto e planejamento**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979, p. 19-87.
- CASTELLS, Manuel et al. **Comunicación móvil y sociedad: una perspectiva global**. 2. ed. Barcelona: Ariel, Fundación Telefónica, 2007. Disponível em: <<http://www.eumed.net/libros-gratis/2007c/312/indice.htm>>. Acesso em: 14 ago. 2019.
- FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília-DF, vol. 25, n. 2, mai./agosto, 2010.
- HOLMES, D.; Russell, G. Adolescent CIT use: Paradigm shifts for educational and cultural practices? **British Journal of Sociology of Education**, Londres, 20(1), 69-78, 1999.
- LEMONS, André. Ciberespaço e tecnologias móveis. Processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura”. **Razón y palabra**, Quito-Ecuador, n. 52, 2006.
- MARANDOLA Jr., Eduardo. Por um paradigma da(s) mobilidade(s). **Revista brasileira de Estudos Populacionais**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 151-152, jan./jun. 2009.
- PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise Social**, Lisboa, vol. XXV, 1990, p. 139-165.
- RAMOS, Marília Patta. Métodos quantitativos e pesquisa em Ciências Sociais: lógica e utilidade do urso da quantificação nas explicações dos fenômenos sociais. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 18, n. 1, 2013, p. 55-65.
- SOUSA, Cirlene Cristina de; LEÃO, Geraldo Magela Pereira. Ser jovem e ser aluno: entre a escola e o *Facebook*. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 279-302, jan./mar. 2016.
- URRY, J. Mobile Sociology. **British Journal of Sociology**, Londres, n. 51, issue n. 1, january/march, p. 185-203, 2000.